

NÃO VOS ENGANEIS – Jeremias 37,1-10

Shigeyuki Nakanose¹

“O rei Sedecias, filho de Josias, reinou no lugar de Conias, filho de Joaquim, a quem Nabucodonosor, rei da Babilônia, havia estabelecido como rei na terra de Judá. Mas nem ele, nem seus servos, nem o povo da terra escutaram as palavras que Iahweh pronunciou por intermédio do profeta Jeremias”² (Jr 37,1-2).

O profeta Jeremias nasce em Anatot, uma pequena cidade levita do território da tribo de Benjamim (Jr 1,1). Provavelmente, ele é descendente de família sacerdotal ligada às tradições dos levitas (cf. 1Rs 2,26). Este grupo de sacerdotes se caracteriza por sua fé no Deus libertador do êxodo e por defender os interesses dos camponeses contra as injustiças da monarquia. A linguagem de Jeremias retrata imagens e preocupações do campo, por exemplo: “Por causa do solo ressequido, pois não há chuva na terra, os camponeses estão envergonhados e cobrem a cabeça. Sim, até a gazela no campo dá à luz e abandona a cria, porque não há erva” (Jr 14,4-5).

Jeremias exerce sua atividade profética entre os anos 627 e 586 aC, acompanhando o reinado de cinco reis: Josias, Joacaz, Joaquim, Joaquin e Sedecias (Jr 1,1-3). É um período de muita turbulência na história de Judá. Depois da morte do rei Josias, seu filho, Joacaz, assume o trono. Três meses depois, o Faraó do Egito depõe e aprisiona o novo rei, que é levado para o Egito (2Rs 23,31-35). Os egípcios colocam Joaquim, irmão de Joacaz, no trono e impõem sobre o território um pesado tributo. Porém, o Egito domina Judá por pouco tempo. Em 605 aC, o exército de Nabucodonosor, rei da Babilônia, derrota o exército do Egito e torna-se senhor da Síria e da Palestina (Jr 46,2).

Entre os anos 609 e 598 aC, Judá fica sob o governo de Joaquim, que exerce o poder de forma tirânica (Jr 22,13-19). A partir de 602 aC, ele se nega a pagar tributo para a Babilônia (2Rs 24,1). Alguns anos depois, em 598 aC, o exército babilônico marcha contra Judá e cerca a cidade. Neste tempo, o rei adoece e morre, e seu filho, Joaquin (Jeconias), é colocado no trono (2Rs 24,8). Três meses depois, a cidade de Jerusalém é invadida e sua liderança política é levada para a Babilônia (597 aC). É a primeira deportação.

Para governar Judá, os babilônios escolhem Matanias, mudando-lhe o nome para Sedecias (2Rs 24,17). Com o tempo, o novo governador e seus oficiais, por causa de suas ambições nacionalistas, tentam aliar-se ao Egito para libertar-se do jugo da Babilônia. Jeremias alerta o rei que ir contra os babilônios é colocar a vida do povo em

1. Essa leitura é fruto do diálogo com a equipe de assessoras e assessores do Centro Bíblico Verbo. Agradeço especialmente a Maria Antônia Marques, que colaborou na redação do texto.

2. Tradução extraída da *Bíblia de Jerusalém*, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.

risco (Jr 28,14). Mas a corte judaica se rebela contra o exército de Nabucodonosor em 589 aC. O exército babilônico ataca e cerca a cidade de Jerusalém por quase dois anos.

Durante esse período, os babilônios são obrigados a suspender, momentaneamente, o cerco devido a uma incursão do Faraó, que procura deter o avanço da Babilônia. É um momento decisivo da história de Judá. Jeremias critica as autoridades e prega a submissão à Babilônia, pois acredita ser a única maneira de conservar a vida do povo. No entanto, Sedecias e a elite de Jerusalém são incapazes de medir a força devastadora do Império Babilônico. Eles não escutam “as palavras” de Iahweh, pronunciadas por intermédio do profeta Jeremias (Jr 37,2), e continuam tentando armar uma insurreição contra o mesmo.

Em julho de 587 aC, os babilônios invadem a cidade. Sedecias tenta fugir, mas é preso, obrigado a assistir a execução de seus filhos, seus olhos são furados e, finalmente, ele é levado para a Babilônia (2Rs 25,6-7; Jr 52,9-11). O templo é incendiado e a cidade destruída. Alguns cantores do templo, trabalhadores civis, pequenos comerciantes, artesãos e agricultores são levados para a Babilônia. Esse grupo sofre mais com a tirania do império no exílio: é tratado como escravo e despojo de guerra. É dentro desse contexto que podemos ler Jr 37,1-10, um texto que descreve a atividade e a profecia de Jeremias durante os dois anos do cerco de Jerusalém, no final do reinado de Sedecias.

1. Intercede por nós junto a Iahweh

“O rei Sedecias enviou Jucal, filho de Selemias, e o sacerdote Sofonias, filho de Maasias, ao profeta Jeremias, para dizer: “Intercede por nós junto a Iahweh, nosso Deus!” Ora, Jeremias ia e vinha entre o povo: não o tinham ainda colocado na prisão. Entretanto, o exército do Faraó tinha saído do Egito; ao ouvir esta notícia, os caldeus, que sitiavam Jerusalém, tiveram de suspender o cerco” (Jr 37,3-5).

Jeremias 37,1-10, da mesma forma que o capítulo 21,1-10, apresenta uma descrição do reino de Judá: guerra, cerco, incerteza, ambição, intrigas. O país está dividido. De um lado, uma minoria, como o profeta Jeremias, por questão de sobrevivência, opta por permanecer submissa ao rei da Babilônia (Jr 27,12). De outro, a maioria da corte de Jerusalém, incluindo rei, ministros, sacerdotes, profetas e o povo da terra, é nacionalista. Sempre ambiciona a independência da nação davídica e, desta vez, tenta romper com a sua condição de vassalo da Babilônia, contando com o apoio do Faraó do Egito, rival dos babilônios (Jr 28).

Mas, quem é o povo da terra? Mesmo antes de se tornar rei, Davi fazia saques e distribuía as terras das cidades conquistadas a seus familiares e colaboradores, para conseguir uma base que o “apoiasse” (cf. 1Sm 17,25; 22,6-7; 30,18-31). Esses colaboradores foram acumulando benefícios e riquezas ao longo da dinastia davídica (2Sm 19,30-40), dando origem ao grupo denominado “povo da terra”. Os membros desse grupo (Jr 52,6; 2Rs 25,19) não eram príncipes, nem profetas, nem sacerdotes, mas sim grandes proprietários de terras que residiam nas cidades. A fidelidade deles à linhagem davídica fez com que sempre interferissem no destino do governo de Jerusalém,

inclusive eles assassinaram a rainha Atalia, descendente do Norte (2Rs 11,18-20; 21,24; 23,30). Qual o motivo de tamanha fidelidade? A mudança de dinastia no trono colocava em risco os privilégios adquiridos, sobretudo o domínio da terra.

Para o povo da terra e os membros da corte, a independência de Judá é importante e vantajosa, pois corresponde aos interesses pessoais e sociopolíticos. Portanto, é muito compreensível que o rei e sua elite não escutem as palavras de Jeremias aconselhando a submissão ao império da Babilônia. Mas é estranha a atitude do rei de procurar o seu crítico e inimigo, Jeremias, dizendo: “Intercede por nós junto a Iahweh nosso Deus” (37,3).

Palal é um termo hebraico que pode ser traduzido por interceder, orar, intervir, interpor. No livro de Jeremias, o termo *palal*, encontrado 10 vezes (7,16; 11,14; 14,11; 29,7.12; 32,16; 37,3; 42,2.4.20), refere-se à oração de intercessão junto a Iahweh. A intercessão é um dos papéis principais dos profetas. Especialmente na ocasião de guerra, o rei e as autoridades necessitam de orações e oráculos proféticos como sinal da aprovação de Deus diante do povo. Trata-se de uma guerra santa contra o inimigo de Deus e o seu povo. Os governantes até compram os oráculos proféticos para convocar o povo para a guerra santa: “Assim disse Iahweh aos profetas que seduzem o meu povo: Aqueles que, se têm algo para morder em seus dentes, proclamam: ‘Paz’. Mas a quem não lhes põe nada na boca, eles declaram a guerra” (Mq 3,5).

Ao invés de condenar Jeremias, os chefes de Jerusalém tentam primeiro suborná-lo. Sabendo quem são os enviados do rei, a trama da elite se torna evidente. Jucal, filho de Selemias, é um dos príncipes que mais tarde aprisiona e condena Jeremias à morte. É um grupo nacionalista, cheio de ambição, que tenta aliar-se com o Egito para se livrar dos babilônios (Jr 38,1-6). Agora quem é o sacerdote Sofonias, filho de Maa-sias? Ele é mencionado 5 vezes no livro de Jeremias (21,1; 29,25.29; 37,3; 52,24; cf. 2Rs25,18), aparece como o segundo sacerdote do templo de Jerusalém que foi aprisionado e morto pelo rei Nabucodonosor da Babilônia (Jr 52,24-27). O sacerdote Sofonias foi um dos importantes negociadores do rei com Jeremias para convencê-lo a assumir uma política contra a Babilônia.

A descrição de Jeremias 37,1-10 situa-se durante a suspensão temporária do cerco à cidade de Jerusalém, imposto por Nabucodonosor. Ele retira o seu exército para combater o Faraó que “tinha saído do Egito” (Jr 37,5). O que o rei Sedecias e sua corte querem é a derrota dos babilônios pelo exército do Egito e a libertação de Judá. Mas, eles também clamam pela ajuda e pela força de Iahweh?

2. A palavra de Iahweh

“Então a palavra de Iahweh foi dirigida ao profeta Jeremias nestes termos: Assim disse Iahweh, Deus de Israel. Assim direis ao rei de Judá, que vos enviou para consultar-me: Eis que o exército do Faraó que saiu para vos ajudar voltará para a sua terra, o Egito! Os caldeus voltarão a lutar contra esta cidade, conquistá-la-ão e a incendiarão. Assim disse Iahweh. Não vos enganeis, dizendo: ‘Certamente os caldeus partirão para longe de nós!’ porque eles não partirão! Ainda

que derrotásseis todo o exército dos caldeus que vos combate e não restassem senão feridos, eles se levantariam, cada um em sua tenda, para incendiar esta cidade” (Jr 37,6-10).

A palavra de Iahweh, proferida por meio de Jeremias, é duríssima e desmonta qualquer expectativa e ilusão dos dirigentes de Jerusalém. O exército do Faraó será derrotado e os babilônios voltarão a atacar a cidade santa, destruindo-a. Até os soldados derrotados do exército dos caldeus, gravemente feridos, serão capazes de incendiar Jerusalém (Jr 37,10). É a visão irreal e fantasiosa que descreve e aumenta a superioridade do exército da Babilônia diante do exército de Judá.

De onde vem essa “palavra dura” da rejeição de Iahweh? O substantivo “palavra”, *dabar* em hebraico, aparece mais de 200 vezes no livro de Jeremias. São as palavras do Deus libertador, que se encarna na missão, na vida e na história do profeta Jeremias em favor da vida do povo: “Tu me seduziste, Iahweh, e eu me deixei seduzir; tu te tornaste forte demais para mim, tu me dominaste. Sirvo de escárnio todo o dia, todos zombam de mim. Porque sempre que falo devo gritar, devo proclamar: ‘Violência e opressão!’ Porque a palavra de Iahweh tornou-se para mim opróbrio e ludíbrio todo o dia” (Jr 20,7-8). A coerência com a palavra do Deus libertador, encarnado na história, exige que Jeremias analise a conjuntura sociopolítica e a supremacia do exército de Nabucodonosor, e proclame a palavra de Iahweh, propondo que os dirigentes se rendam aos babilônios.

Para isso, Jeremias desmascara a falsa propaganda da corte ambiciosa: “Não vos enganeis, dizendo: ‘Certamente os caldeus partirão para longe de nós!’” (Jr 37,9). *Nasha* é um verbo hebraico que pode ser traduzido por enganar, desorientar, iludir, seduzir. Esse verbo aparece 15 vezes no Antigo Testamento. No livro de Jeremias, o termo *nasha* é encontrado quatro vezes (4,10; 29,8; 37,9; 49,16), como um alerta contra as falsas profecias e os falsos profetas: “Não vos deixeis enganar por vossos profetas que estão no meio de vós” (29,8). Jeremias acusa os dirigentes de enganar o povo, possivelmente, por meio dos profetas da corte e de suas mentiras (Jr 27,12-15).

Há um relatório a respeito dos falsos profetas, como no caso do conflito entre Jeremias e Hananias (Jr 28). De um lado, Jeremias prega a submissão ao rei da Babilônia; de outro, Hananias, um profeta oficial da corte, pronuncia um oráculo de guerra santa contra a Babilônia. Ele prega a guerra da libertação: não o que vai trazer benefício ao povo, mas o que vai restaurar e fortalecer os interesses dos dirigentes de Jerusalém. Hananias profetiza: “Assim disse Iahweh dos Exércitos, Deus de Israel. Quebrei o jugo do rei da Babilônia! Ainda dois anos, e farei retornar a este lugar todos os objetos do templo de Iahweh que Nabucodonosor, rei da Babilônia, carregou daqui e levou para a Babilônia. Também Jeconias, filho de Joaquim, rei de Judá, e todos os deportados de Judá que foram a Babilônia farei retornar a este lugar” (Jr 28,2-4).

A política voltada aos interesses dos dirigentes também aparece no episódio do cerco de Jerusalém em 589-587 aC (Jr 34,8-22). Devido à escassez dos mantimentos durante o cerco, o rei Sedecias liberta os escravos para prolongar a resistência, alegando estar cumprindo a legislação (Dt 15,12-18). Mas quando Nabucodonosor suspende

o cerco para combater o exército do Faraó do Egito, a corte revoga o decreto da libertação dos escravos e os obriga a retornar ao serviço. É uma atitude que evidencia os interesses e a ambição dos dirigentes.

Ao contrário, Jeremias procura salvar o povo do desastre. Prega a rendição à Babilônia: “E a este povo dirás: ‘Assim disse Iahweh: Eis que colocarei diante de vós o caminho da vida e o caminho da morte. Quem permanecer nesta cidade morrerá pela espada, pela fome ou a peste; mas aquele que sair e se entregar aos caldeus, que vos cercam, viverá e terá a sua vida como despojo’” (21,8-9)³. É uma visão realista para conservar a vida diante da força devastadora do exército de Nabucodonosor. Mas a palavra de Jeremias é impopular e antipatriótica diante de um povo manipulado pela propaganda poderosa contra a Babilônia e subversiva para os dirigentes. O profeta não se cala, por isso é preso, torturado e sentenciado à morte como traidor da nação (Jr 37, 11–38,28).

3. Para continuar pensando

“Por que saí do seio materno para ver trabalhos e penas e terminar os meus dias na vergonha?” (Jr 20,18). Este questionamento resume a vida do profeta Jeremias: incompreensão, perseguição, tortura, solidão, decepção. A coerência com a palavra do Deus da vida tornou-se a razão desse homem ser e agir: “Quando se apresentavam palavras tuas, as devorava: tuas palavras eram para mim contentamento e alegria no meu ser” (Jr 15,16).

Se formos avaliar a vida do profeta Jeremias em termos de custo-benefício, critério bem aplicado hoje em dia, o que resta? Ele acumula fracassos e desaparece em terra estranha: no Egito (Jr 42–44). Será que, em nome da fidelidade ao Deus da vida e do projeto solidário, ainda vale a pena falar, agir, lutar? Empreender esforços para transformar, na história, as estruturas econômicas e políticas em favor da vida e da liberdade das pessoas empobrecidas e espoliadas? Na realidade em que vivemos, na qual um ser humano morre de fome a cada três minutos, visitar os textos do profeta Jeremias e entender o seu compromisso é sempre um convite para rever a nossa vida e nossa ação hoje.

Shigeyuki Nakanose
Rua Verbo Divino, 993
São Paulo/SP
04719-001
cbiblico@uol.com.br

3. A expressão: “o caminho da vida e o caminho da morte” pode ser associada à redação deuteronomista (cf. Dt 30,15). Uma das maiores dificuldades no estudo da obra de Jeremias, seus ditos e atividades, é atribuída ao trabalho dos editores deuteronomistas, que redigiram o livro de Jeremias.